

RESGATE HISTÓRICO DO RIO COMPRIDO: LIMITE DOS MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E JACAREÍ – SP

Dinamara Osses dos Santos¹, Mário José Moreira², Veriano Takuji Miura³, Sandra Maria Fonseca da Costa⁴

¹ Universidade do Vale do Paraíba – Univap - Faculdade de Comunicação e Artes - FCA, Av. Shishima Hifumi, 2.911 – Urbanova - São José dos Campos - SP, dinaosses@gmail.com.

^{2,3 e 4} Universidade do Vale do Paraíba – Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento – IP&D, Planejamento Urbano e Regional – PLUR - Av. Shishima Hifumi, 2.911 – Urbanova - São José dos Campos - SP, moreira@univap.br, miura@univap.br, sandra@univap.br

Resumo: Este libelo procura demonstrar a importância do Rio Comprido, limite geográfico entre as cidades de São José dos Campos e Jacareí, localizadas no Vale do Paraíba. Estudos antropológicos levaram pesquisadores a concluir que o aldeamento próximo às suas margens originou o município de São José dos Campos. Nas últimas décadas, a intensificação das atividades industriais na região, a urbanização e o crescimento das cidades que avançaram em direção à bacia hidrográfica do Rio Comprido, sem planejamento, trouxeram-lhe degradação e poluição e quase a sua “morte”. Nos últimos anos houve um significativo aumento de florestas de eucalipto na micro bacia. O cultivo da espécie, da mesma forma que a cana de açúcar e o café, passado recente no Vale do Paraíba, necessita receber atenção especial no tocante aos impactos ambientais que pode causar, caso não seja bem feito e respeitada a legislação florestal vigente.

Palavras-chave: Sustentabilidade, Planejamento, Economia, Meio-ambiente, Informação.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas – Planejamento Urbano e Regional

Introdução

O Vale do Paraíba, situado na região sudeste do Estado de São Paulo, passou por vários ciclos sócios econômicos fazendo com que a região se desenvolvesse, modernizasse e alcançasse o título de uma das áreas mais urbanizada e industrializada da região paulista. A intensificação da atividade industrial, ocorrida em meados do século XVIII, alavancou um grande processo de urbanização que avançou para regiões como a da bacia do Rio Comprido, situada na região leste do Vale do Paraíba estendendo-se no sentido sudeste noroeste do município de Jacareí e São José dos Campos, conforme figura 1.

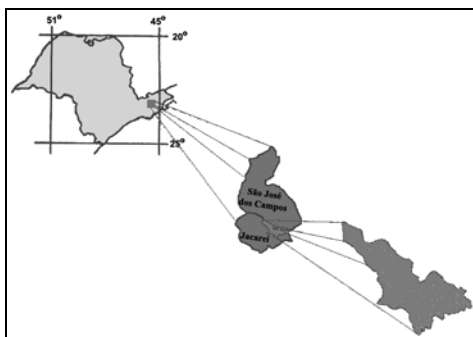


Figura 1: Micro Bacia Hidrográfica do Rio Comprido.
Fonte: Makinodan e alterada pelos Autores.

A falta de políticas públicas e de planejamento no entorno da micro bacia, ou o não cumprimento, contribuiu para situações como; áreas de várzeas

com plantações e florestas de eucaliptos a sua volta, esgotos despejados *in natura* sem nenhum tratamento no seu principal curso d'água, nascentes sendo represadas para a irrigação da lavoura, entre outros. Rossini (2001) faz um alerta sobre os riscos, falta de estrutura e planejamento territorial e o que causam aos recursos naturais do meio ambiente, fato que Makinodan (2004) constatou com indignação em seu *Estudos das Características Sócio Ambiental na Micro Bacia do Rio Comprido*. Hoje, quem observa a poluição das suas águas, não consegue imaginá-lo como parte integrante no processo de desenvolvimento sustentável, mas houve um período em que o cenário era bem diferente, e a antropologia tem prova disto.

Dos cinco sítios arqueológicos encontrados no Vale do Paraíba, quatro estão localizados na bacia do Rio Comprido. A arqueóloga do Museu de Antropologia de Jacareí, Claudia Moreira Queiroz, contou em entrevista que o local propiciou a instalação da tribo, a maioria *Tupi-guarani*, pelo local possuir áreas extensas, com platôs alongados e planos, de onde era possível uma ampla visão de todo o seu entorno. A proximidade com rios foi um fator decisivo para a fixação das tribos, ou seja, próximo ao Paraíba do Sul, por onde navegavam, e junto ao Rio Comprido de onde vinha a água potável. Peças encontradas com diferentes formatos, base reta e curva, revelam contato do índio Tupi com o branco, de onde os arqueólogos concluem a possibilidade dessa tribo haver integrado o aldeamento dos

Guaianazes que também viviam às margens do Rio Comprido e deu início ao município de São José dos Campos. Tempos depois, foi à vez dos imigrantes manterem um íntimo relacionamento de dependência com o rio, afinal vinha dele a irrigação da lavoura.

Metodologia

Para entender o atual cenário de abandono em que se encontra o Rio Comprido, foram feitas pesquisas bibliográficas para identificar em que momento da história do Vale do Paraíba o processo teve início. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica de acordo com (GIL, 1999, p.65) “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”

Essa busca partiu de um contexto regional para compreender até que ponto as mudanças sociais econômicas podem mudar o perfil de uma sociedade e influenciar na sua relação com o meio ambiente.

Antropologia e História do Lugar

Partindo de estudos antropológicos percebeu-se que a tribo Tupi-guarani manteve uma relação de total dependência com o rio. De suas margens os índios tiravam pedras para produzir ferramentas e argila para produção de potes. As peças em cerâmica encontradas são um indício de agricultura e com esses artefatos era possível plantar em abundância e guardar o excesso nos recipientes. A relação de dependência com o rio permaneceu até que o aldeamento mudasse definitivamente para a planície (final do século XVII início do século XVIII) onde se estabeleceu a Vila de São José, a cerca de dez quilômetros de distância daquela região e mais tarde São José dos Campos.

Os Ciclos da Região do Vale do Paraíba

A cana de açúcar teve seu destaque na economia da região nos primórdios do século XIX, mas foi o café, entre os anos de 1850 e 1900, que marcou a história do Vale enriquecendo o país e os Barões do Café. Durante todo o período de expansão da monocultura, nenhum tipo de análise de solo foi feito para o plantio. Os fazendeiros usavam apenas alguns critérios locais da região tomando como base a cor do solo, a elevação do terreno e a sua insolação. Essas tentativas custaram o desperdício de muitas terras, até que, após inúmeras experiências, o solo virgem e bem drenado fosse determinado como *ideal* para o cultivo. Quando a crise do café se estabeleceu no país a monocultura avançou para o leste do

Estado de São Paulo deixando para trás um Vale do Paraíba estagnado na economia e devastado ecologicamente. Cafezais abandonados eram transformados em pastos que passaram a ser ocupados pelo gado. Vaqueiros, uma nova classe social que tinha bem menos requinte que os barões, fizeram com que a economia crescesse em torno da pecuária leiteira que passou a ser a principal atividade econômica entre os anos de 1920 a 1960. Durante esse período pouco se falou sobre as mudanças que a agropecuária causou ao meio ambiente, porém, segundo Ferri (1974), o gado confinado trás modificações ao meio desde quando este consome as gramíneas até quando as devolve para o solo em forma de fezes e urina rico em compostos nitrogenado.

De forma conjunta com a agropecuária a industrialização também começou a se desenvolver no Vale do Paraíba, tanto para dar suporte ao setor como também para diminuir o número excessivo de indústrias que haviam se instalado na região metropolitana de São Paulo. Durante o processo de Interiorização das Indústrias ocorridas no governo de Abreu Sodré, 1967, até o governo de Franco Montoro, 1987, políticas foram implantadas tanto no âmbito federal como estadual e municipal em relação ao meio ambiente que “*estabeleceu normas rígidas de autorização e de localização industrial, disciplinando o uso do solo, a proteção de mananciais [...]*” (Teixeira, 1997, p.17). No tocante ao setor agrícola do Vale, não houve avanço na economia como as indústrias. A falta de poder político fez com que a agricultura ficasse à margem do desenvolvimento e não recebesse os benefícios da modernização, como afirma Teixeira, (1997)

No processo de interiorização das indústrias o Vale recebeu muitos incentivos, subsídios e infraestrutura. A agricultura regional não possuía poder político e ficou à margem do processo de desenvolvimento, não ingressando na era da modernização agrícola. (Teixeira, 1997, p. 68).

A economia rural do Vale do Paraíba sempre se desenvolveu substituindo uma atividade por outra mais rentável e que exigisse cada vez menos mão de obra. Em muitas fazendas da região o gado no pasto vem sendo substituído por florestas de eucaliptos que fornecem matéria prima para a empresa de papel e celulose que se instalou na região, a Votorantin Papel e Celulose. A região do Vale do Paraíba, concentra a maior área de plantio da empresa, cerca de 78 mil hectares que começa em Jacareí e abrange mais 40 municípios próximos à sua unidade. Segundo Scarim (2006), o eucalipto se desenvolve bem em regiões de terra fértil e água em abundância. Cada árvore consome, a partir do seu terceiro ano de vida, 1 metro do lençol freático por ano. Para

reestabelecer esse lençol no primeiro ano de corte da árvore, Scarim afirma que são necessários 600 litros de água por m². Imagens aéreas feitas em 2003, figura 2 e figura 3 em 2007, mostram o quanto a silvicultura avançou nas cabeceiras da micro bacia do Rio Comprido durante este período.

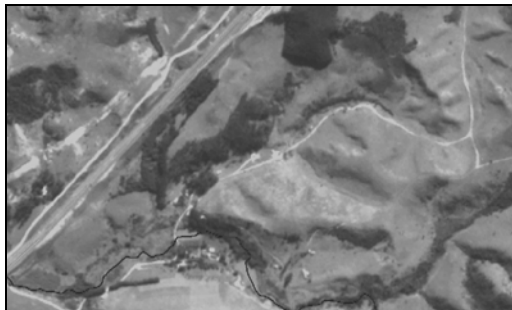


Figura 2: 2003. Área de pastagem com presença de mata nativa.

Fonte: Secretaria de meio ambiente de Jacareí



Figura 3: 2007. Área ocupada por eucaliptos

Fonte: Google Earth, 2007

As florestas de eucaliptos começaram a ganhar força a partir da década de 90. Nesse período de desenvolvimento do Vale do Paraíba a bacia do Rio Comprido sofre com a falta de políticas administrativas urbanas e de planejamento. Em uma pesquisa a campo identificou-se um esgoto sanitário de um bairro de São José dos Campos que segue em uma vala a céu aberto. O seu destino, as águas do Rio Comprido, que recebe todo o material sem tratamento algum, como mostra a figura 4.



Figura 4: O céu aberto, esgoto segue em direção ao rio sem tratamento.

Fonte: Autores

O mau cheiro, os detritos que são vistos a olho nu, a ausência de vida aquática indicam que aproveitar as águas do Rio Comprido para a agricultura de subsistência está totalmente inviável. No início do século XX imigrantes vindos da Europa se instalaram no local e praticaram a agricultura de subsistência fazendo toda a irrigação da lavoura com as águas do Rio. Alguns descendentes continuam vivendo no local, porém a relação de dependência não existe mais. O esgotamento sanitário de todas as casas da comunidade também é feita diretamente no rio. A nova geração hoje trabalha nas indústrias de Jacareí ou São José dos Campos. Essas empresas pagam os seus salários de onde provém todo o seu sustento.

Para quem ainda vive da plantação em torno do Rio Comprido, aproveitar os afluentes tem sido uma forma de não ser prejudicado com a poluição. O aprisionamento desses afluentes faz com que ocorra a formação de lagos de onde a água é retirada por uma bomba que segue por um sistema de encanamento e completa a irrigação, figura 5.



Figura 5: Afluentes aprisionados garantem a irrigação da lavoura de hortaliças.

Fonte: Autores

Durante a elaboração deste trabalho e as pesquisas realizadas nos arquivos das Prefeituras das cidades de Jacareí e São José dos Campos, percebe-se em análises as fotos de satélites e nas imagens atuais retiradas do site **Google Earth, 2007** que parte do trajeto por onde passa o Rio Comprido não é mais o mesmo. Estas informações também estão registradas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que se utiliza de limites diferentes aos registros feitos recentemente pelo IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico). Segundo Carlos Alberto Cerqueira Lima, Engenheiro Agrônomo da Secretaria de Meio Ambiente em Jacareí, explica que não há um órgão específico que intervenha nesse caso e faça a mudança e atualização do limite para uso

comum dos institutos. A figura 6 logo abaixo apresenta essas diferenças de trajeto.

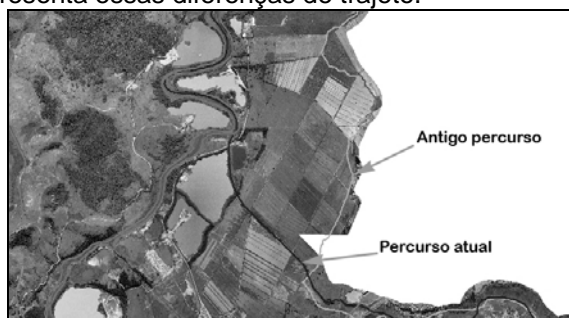


Figura 6: Setas apontam o antigo percurso do rio e o percurso atual.

Fonte: Secretaria de Meio Ambiente de Jacareí

A mudança de trajeto trouxe armadilhas para o rio, como mostra a figura 7.

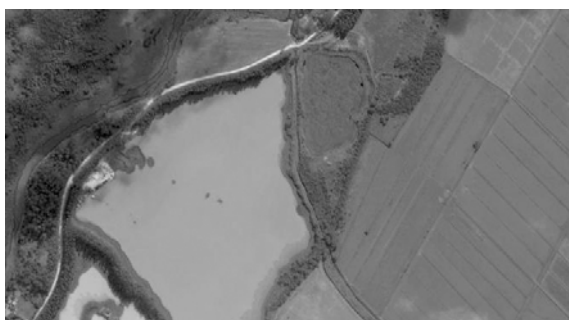


Figura 7: Parte do rio pode desaparecer entre as cavas de areia.

Fonte: Google Earth

Ainda, segundo Carlos Alberto Cerqueira Lima é Engenheiro Agrônomo na Secretaria de Meio Ambiente da Cidade de Jacareí explica que não há um órgão específico que intervenha nesse caso de mudança de trajetória do rio.

Resultados

Com os estudos bibliográficos realizados e a pesquisa observacional feita notou-se a total situação de abandono e a falta de políticas públicas, das duas cidades limítrofes, em que se encontra a Bacia do Rio Comprido. A não preservação das matas ciliares, o esgoto sanitário lançado sem nenhum tratamento no rio. O processo de conurbação destruindo as Áreas de Preservação Permanentes, tão importantes na proteção e manutenção da flora e dos recursos hídricos, o assoreamento, o desvio da trajetória natural do Rio Comprido e o aprisionamento de suas nascentes, são alguns dos fatores que estão resultando na quase morte e no desaparecimento do Rio Comprido.

Discussão

Quais os tipos de ação junto ao governo ou à sociedade poderiam ser implantados em prol da preservação do Rio Comprido? Seria possível a

formação de uma política pública específica de preservação da micro bacia para se atingir a preservação de seu mananciais? Se o Rio Comprido desaparecer, qual será a referência dos limites geográficos entre Jacareí e São José dos Campos? Pensemos a respeito, enquanto ainda temos um fio de vida e esperança rumo ao velho Paraíba, também ameaçado.

Conclusão

Os estudos elaborados para a produção deste artigo demonstram a situação de abandono e indiferença que se encontra o Rio Comprido ao longo de seu caminho até alcançar o Rio Paraíba do Sul.

Para aumentar ainda mais o fosso intransponível da indiferença, a sociedade vale paraibana chega ao século XXI com necessidades de consumo que independem da sua existência, aumentando ainda mais os efeitos negativos dessa nova relação sociedade/natureza.

Referências

- Ferri, M. G. Ecologia: temas e problemas brasileiros. São Paulo, USP, 1974.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999
- Makinodan, Daniela Yumi. Estudo das características socioeconômica e ambiental na micro bacia do Rio Comprido. Dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional. São José dos Campos. Univap, 2004
- Plácido, Cali. Sítio Arqueológico Rio Comprido I e seu contexto no Vale do Paraíba. Editora Monte Arte. 1999
- Colborn, Theo. O Futuro Roubado - Porto Alegre. Editora L & TM- 1997.
- Stein, Stanley J. Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba. Editora Brasiliense. São Paulo. 1969
- Encontros internacionais da UNB Alternativas políticas, econômicas e sociais até o final de século. Editora Universidade de Brasília, 1980.
- Constituição do Estado de São Paulo anotada. Constituição Federal atualizada. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado, 2006
- Imagens de satélite obtidas através do programa Google Earth
- Bertozzi, M.M. Desenvolvimento e Crise do Vale do Paraíba. Monografia de Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. São José dos Campos. UNIVAP, 2003.
- Maia, Thereza Regina de Camargo. O Vale Paulista do Rio Paraíba: história, geografia, fauna, flora, folclore, cidades/ Thereza e Tom Maia. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2000.

Scarim, Paulo César. Fórum sobre os impactos da monocultura de eucalipto no Município de Monteiro Lobato. Monteiro Lobato, 2006.